

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

RESSIGNIFICANDO A DESCENDÊNCIA NEGRA ENTRE ELAS E EU

EVELYN EDUARDA MARTINS DO NASCIMENTO 1, ROSA AMÉLIA BARBOSA²

¹ Discente do curso Técnica em Edificações Integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Campus Ilha Solteira, e.eduarda@aluno.ifsp.edu.br

² Doutora em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), Mestra em Educação (UFU), graduada em Artes Visuais e Pedagogia, Docente EBTT, IFSP, Campus Ilha Solteira, rosa.barbosa@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.03.00.00-6 Artes

RESUMO: O projeto ARTivismo Antirracista: processos de criação II, iniciado em 2021, visa conectar história, cultura e contemporaneidade através da arte como forma de resistência. Com uma proposta inovadora, o projeto enfrenta preconceitos cotidianos e desafia a visão eurocêntrica que permeia a sociedade brasileira. Nos últimos tempos, o foco se direcionou para as mulheres negras, investigando suas vivências e a interseção entre racismo e feminismo. A iniciativa ressalta a importância da memória ancestral dessas mulheres e sua luta por reconhecimento, promovendo diálogos significativos sobre estratégias para dismantlar o racismo e suas relações com o feminismo. Ao entrelaçar passado, presente e expressão artística, o ARTivismo Antirracista rompe barreiras convencionais e aborda preconceitos com criatividade. Essa fusão de arte e ativismo não só enriquece a experiência do projeto, mas também valoriza as vozes das mulheres negras. Através desse trabalho, busca-se promover mudanças significativas na percepção social sobre raça e gênero, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Resistência; Feminismo; Eurocentrismo; História

RESIGNING THE BLACK Descent BETWEEN THEM AND ME

ABSTRACT: The Anti-Racist ARTivism: creation processes II project, started in 2021, aims to connect history, culture and contemporaneity through art as a form of resistance. With an innovative proposal, the project faces everyday prejudices and challenges the Eurocentric vision that permeates Brazilian society. In recent times, the focus has shifted to black women, investigating their experiences and the intersection between racism and feminism. The initiative highlights the importance of these women's ancestral memory and their fight for recognition, promoting meaningful dialogues about strategies to dismantle racism and its relationships with feminism. By intertwining past, present and artistic expression, Anti-Racist ARTivism breaks conventional barriers and addresses prejudices with creativity. This fusion of art and activism not only enriches the project experience, but also values the voices of black women. Through this work, we seek to promote significant changes in the social perception of race and gender, contributing to a fairer and more inclusive society.

KEYWORDS: Art; Resistance; Feminism; Eurocentrism; History

INTRODUÇÃO

O projeto *ARTivismo Antirracista: processos de criação II* teve início em 2021. Sua exploração da arte como veículo de expressão e resistência ofereceu uma abordagem única para enfrentar os preconceitos diários, ao mesmo tempo desconstruiu epistemologicamente a ideia que estrutura a sociedade brasileira como eurocêntrica. Expandiu horizontes por meio de processos criativos,

entrelaçando-os com estudos críticos e teóricos, contribuindo assim para a descolonização o entendimento da história nacional brasileira. Ao fazer isso, o projeto abriu novas perspectivas sobre o mundo e a arte, interseccionando conceitos e relacionando saberes plurais sobre questões raciais e a luta contra o racismo com a produção estética e criativa. Ao costurar passado, presente e expressão artística, o projeto transcendeu barreiras convencionais, enfrentando o racismo com ousadia e inovação. A interseção entre arte e ativismo enriqueceu a jornada, desafiando fronteiras e moldando uma trajetória transformadora.

Em 2023 o foco do estudo contemplou mulheres negras, feminismo interseccional e questões raciais. O projeto relacionou todos os saberes com a memória ancestral das mulheres negras, a luta feminista e ressignificação das histórias e experiências. Como agir para dismantlar o racismo? Por que o racismo está enraizado e ligado ao feminismo?

Construir diálogos significativos, questionamentos contundentes e abordagens conceituais sobre a luta antirracista em todos os aspectos da vida cotidiana. Além de destacar a importância das mulheres negras como intelectuais silenciadas e apagadas da história colonial foram objetivos centrais da proposta, embasada em teóricas como bell hooks (2019, 2020), Djamila Ribeiro (2019), Sueli Carneiro (2019), Lélia González (2019), Cida Bento (2022) e Bianca Santana (2018).

MATERIAL E MÉTODOS

O percurso investigativo circulou entre as múltiplas e transitórias estratégias utilizando o método da cartografia (Deleuze; Guatari, 2011), principalmente por permitir a interlocução entre distintas áreas do conhecimento com a arte, levando em consideração que esse entrecruzamento é uma forma rizomática de produzir saberes, não obedecendo a relações subordinadas ou hierárquicas.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho investigativo que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos, como apontam Passos e Barros (2020). No entanto, não se de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem renunciar à orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais caminhando para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o construído pelo caminhar.

Esta forma cartográfica de construir o percurso investigativo dá abertura para poder operar por deslocamentos, construindo, inventando e reinventando no próprio ato de pesquisar enfatizando sua dimensão política. Foi possível, simultaneamente, desenvolver a investigação teórica/histórica, o exercício estético/interpretativo e a elaboração poética/artística. Transitamos por um método carregado de performatividade, no sentido de ser uma vivência e incorporação por parte das pesquisadoras, articulada com uma ação pedagógica e a produção de conhecimento, na qual fomos agentes e interagimos com o próprio objeto de estudo.

Uma das técnicas utilizadas foi a pesquisa documental, revisitando a catalogação da materialidade artística construída na trajetória de 2021 e 2022. Esta catalogação refere-se a um mapeamento da produção artística afro-brasileira em circulação na arte contemporânea. O processo de pesquisa integrou o estudo histórico e conceitual com vistas à produção de análises/interpretativas críticas.

Das leituras marcantes a intelectual bell hooks (2019), que discute o feminismo como uma política transformadora que deve ser fundamentada não apenas na oposição à dominação patriarcal, mas também na construção de uma revolução feminista baseada em amor e solidariedade. Bianca Santana (2018), que organiza esteticamente as experiências pessoais da autora e aborda a vida de várias mulheres negras brasileiras, trazendo relatos significativos sobre a vivência em contextos hostis para descendentes de pessoas escravizadas.

Uma etapa significativa da pesquisa foi a parceria com o Centro da Educação Básica Paulista (CIEBP) na produção audiovisual experimental, utilizando diferentes processos criativos e fotografias como elementos de experimentação. As fotografias foram empregadas na produção de vídeos e GIFs, contextualizando o conceito de frame. Com base nesses estudos, participamos de eventos promovendo mostra do processo da pesquisa em andamento como o dia *Orgulho Afro*, na Escola Estadual

Urubupungá, em parceria com o *coletivizARTE*, um coletivo feminista, antirracista e anticapacitista idealizado pela professora coordenadora do projeto.

Além das atividades documentais, de produção teórica e artística, a curadoria da exposição no IFSP com o tema "*Ressignificando a Descendência Negra entre Elas e Eu*". Essa exposição contou com a participação do coletivo *Quilombo das Artes* e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NABISA) para a exposição de orixás, material referencial do núcleo. No início do evento, houve uma roda de conversa sobre o significado da pesquisa.

Os relatórios de pesquisa e a participação em eventos acadêmicos internos e externos ao IFSP também são parte significativa do percurso metodológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A iniciação científica possibilitou de maneira eficaz o estudo das referências femininas negras nas práticas artísticas contemporâneas. Essa investigação se desdobrou em experiências desde o ambiente acadêmico até as reflexões de caráter familiar, além de estimular discussões e reflexões sobre a luta antirracista no cotidiano.

Todo esse processo enriqueceu as referências artísticas, ampliou as apreciações estéticas em diversas áreas do conhecimento unindo arte e ativismo. O trabalho artístico desenvolvido ressoa nas vidas das mulheres negras, que sempre estiveram na base da pirâmide social brasileira, como observa a artista visual Rosana Paulino (2018). É importante destacar os desafios diários que enfrentamos, especialmente aqueles perpetuados por práticas escolares que reproduzem mecanismos de discriminação racial. Nossa pesquisa se fundamenta na subversão dessa estrutura. Trata-se de uma investigação que rompe com a educação tradicional e promove uma abordagem ativa, conforme os ensinamentos de Paulo Freire. Os resultados científicos e artísticos estabelecem diálogos efetivos com outras áreas do conhecimento e contribuem para a construção de uma educação antirracista dentro da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Enegrecemos as referências, a partir da escolha política pelo acesso à produção e ao acúmulo teórico da intelectualidade negra, afrodiaspórica, decolonial. O fazer artístico criativo abriu possibilidades de investigação teórica, conceitual e técnica. Fotografia, pintura, colagem, audiovisual foram escolhas que tentaram dar conta das narrativas que buscamos construir, pelas vias da arte.



FIGURA 1. Fotografia autoral, 2023. Banner de orixá e série fotográfica.

A exposição dessa produção artística foi uma experiência rica e significativa, refletindo todo o percurso do projeto e a importância da voz e das vivências de pessoas negras. As fotos e vídeos que compuseram a mostra não apenas documentaram momentos, mas também capturaram emoções e histórias que muitas vezes ficam à margem. As fotografias foram produzidas para potencializar as várias camadas de leitura mobilizadas pelo livro *Quando Me Descobri Negra*, da Bianca Santana. A série

fotográfica imprime um viés pessoal e íntimo ao acervo expositivo, figura 1. Isso ajudou a conectar o público com as questões abordadas, gerando um espaço de empatia e reflexão.

As duas produções audiovisuais tiveram outra proposta criativa. Um dos vídeos explora como elemento a espada de São Jorge que é um símbolo de proteção e força, reverberando nas práticas tanto do catolicismo quanto das religiões afro-brasileiras, figura 2. Ao integrá-la pelas fotografias propusemos uma conexão visual e poética que transcende o mero registro visual, transformando a imagem em um manifesto cultural.



FIGURA 2. Fotografia autoral, 2023. Frame espada de São Jorge.

O segundo vídeo explorou as máscaras africanas das nações bantu. Houve uma etapa de produção pictórica autoral em parceria com o CIEBP. As máscaras africanas, cuidadosamente pintadas e estudadas, trazem à tona a ancestralidade e a riqueza das tradições afrodiáspóricas, representam não apenas a identidade, mas também a resistência. A figura 3 mostra um pouco da etapa de produção.



FIGURA 3. Fotografia da coordenação, 2023. Máscaras africanas no CIEBP.

O vídeo *Mulher, justiça e luta: Xangô abençoa* se torna uma extensão dessa narrativa visual a partir das máscaras. O vídeo encapsula a força feminina e a busca pela justiça através da figura de Xangô. O machado de Xangô, símbolo central desse orixá da Justiça, representa o equilíbrio e a dualidade dos fatos — um lembrete de que a luta por justiça é multifacetada e exige coragem. Com isso, o evento no IFSP de Ilha Solteira foi mais do que uma simples exibição, foi um verdadeiro encontro de sensibilização, carregado de uma pedagogia dos afetos. A apresentação inicial sobre o projeto contextualizou o público, permitindo que todos entendessem a profundidade das questões discutidas. O bate-papo com os alunos foi um momento poderoso, onde relatos pessoais e experiências vividas foram

compartilhados. Esses relatos não só evidenciaram a luta diária contra o preconceito, mas também criaram um ambiente de apoio e compreensão mútua.



FIGURA 4. Fotografia, 2023. Abertura da exposição

A ideia de incluir um espaço para que o público escrevesse suas experiências foi uma forma brilhante de registrar a exposição. A *Caixinha de memórias*, figura 5 proporcionou momento de introspecção e expressão, permitindo que cada pessoa deixasse sua marca e refletisse sobre o impacto do evento em suas vidas. Essas contribuições escritas servem como um registro valioso das percepções coletivas e individuais sobre a luta antirracista.



FIGURA 5. Imagem registrada por estudante do IFSP. 2023. Caixinha de memórias.

CONCLUSÕES

O projeto interdisciplinar incorpora conhecimentos artísticos, sociais, culturais, políticos e econômicos, transcende a prática pedagógica limitada dentro de cada disciplina. Os exercícios de pesquisa e produção artística constituem um espaço único que é inovador ao se conectar com as ideias de educação ativa e os processos de aprendizagem mediada. Estamos rompendo com o modelo convencional de educação, aqui estudante atua com protagonismo, cria, performa com pesquisadora. A iniciação científica é carregada de múltiplos sentidos

Os resultados da pesquisa, que combinam ciência e arte estão associados a outras áreas de conhecimento, aos conceitos de arte contemporânea e à produção artística afro-brasileira, estimulam o desenvolvimento criativo e epistemológico inspirado pela pesquisa. Temos submetido parcialmente os resultados da pesquisa a diferentes convites para participar de eventos, que se alinham tanto com a luta contra o racismo quanto com as experiências artísticas que promovem a apreciação estética, intimamente relacionadas ao ativismo artístico, que é o foco do projeto. Além da divulgação dos resultados acadêmicos, a exposição dos trabalhos artísticos trouxe oportunidades indescritíveis de experiência estética, poética e teórica.

CONTRIBUIÇÕES DA AUTORIA

Todas as autoras contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**". 2002. Tese Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde18062019181514/publico/bento_do_2002.pdf. Acesso em: 30 jun. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. vol 1. 2. ed.** Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos, 2019.

PASSOS, E. BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.. **Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2020.

PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Rosana Paulino: a costura da memória**. Curadoria Valéria Piccoli, Pedro Nery. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.